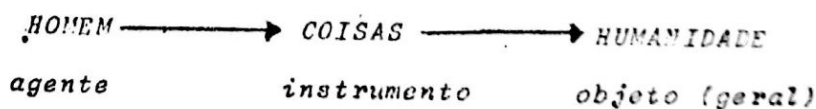


ARTE-COMUNICAÇÃO-CONHECIMENTO

Profa. Lenira Marques Covizzi,
Titular de Fundamentos da Teoria
da Literatura, Teoria da Literatura
e Literatura Brasileira.

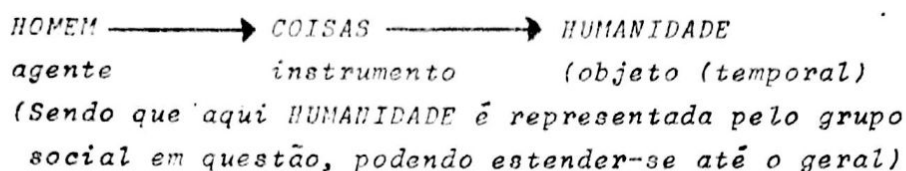
As várias artérias do conhecimento humano têm a sua desembocadura em três gerais e básicas: as ciências "exatas", as sociais e as artes. Apesar de apenas a última ser objeto de consideração neste trabalho, tentaremos mostrar sua dinâmica operativa a partir da comparação com as outras duas, posto que os relacionamentos de cada uma com o homem diferem na raiz. (1).

Nas ciências "exatas", com sua lógica convencional, sistematização em alto grau, chegando a generalizações através de conceitos abstratos, o homem ocupa posição privilegiada face à matéria com a qual opera. Ele é o elemento racional que procura decifrar as "coisas". Daí poder atacá-las sob quaisquer perspectivas e quantas vezes quiser, sem prejuízo para si ou para elas, quando das conclusões pouco ou nada importantes pelas quais passa muitas vezes. As "coisas" evoluem pouco ou quase nada, e, para elas, o tempo não conta. "O físico pesquisador dispõe de todo o tempo do mundo para levar avante seus experimentos e não precisa temer que, eventualmente, a Natureza venha a descobri-lhe os ardis e métodos e mudar de tática. Por isso o trabalho dele é governado pelos seus melhores momentos, ao passo que um jogador de xadrez não pode cometer um erro sem encontrar pela frente um adversário alerta, pronto a aproveitar-se do erro para derrotá-lo. Por isso, o jogador de xadrez é governado mais pelos seus piores do que pelos seus melhores momentos". (2). Nesse caso ele é apenas inimigo do interessado em desvendá-las, e, se ela constituir um bem para a humanidade, desta também. Esquematizaremos esse relacionamento da seguinte maneira:

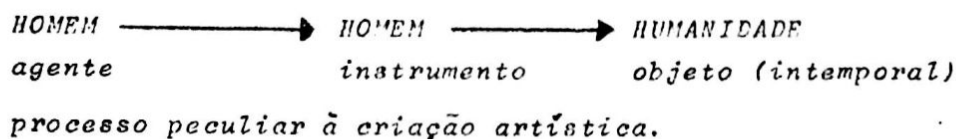


Não é por acaso que colocamos as ciências sociais entre as experimentais e as artes. Roubamos à mitologia grega um símil que as represente, o centauro, por semi-sistematizantes, como ciência e "social" que são. O contraste é explicável: as carac-

terísticas do adjetivo não são anuladas ou menos consideradas - com relação ao substantivo, e vice-versa. Se no social temos as diferenças individuais e conseqüências, procura-se sistematizar isso até onde possível (não no plano individual mas grupal), e de maneira objetiva - em oposição à arte pois sua eficácia é medida por resultado a curto prazo.



As artes impõem-se pela assistematização (a priori, é claro, porque um dos postulados básicos para seu reconhecimento estético é a sua força e coerência estrutural) devida ao seu caráter subjetivo, e à introdução de um elemento não considerado até aqui, a "intuição", determinante máximo e próprio das criações artísticas. Aqui o elemento humano se faz presente em todas as componentes do relacionamento: trata-se do homem, que, - jamais despojado de sua carga vivencial, vai tentar, a partir - de "sua" perspectiva, adentrar o complexo "homem" no mais profundo de seu ser, abrangendo o humano numa essência indecomponível racionalmente: a obra de arte. Se se leva ainda em consideração que as diferenças individuais são inegáveis, passa-se a perceber a difícil tarefa do artista, que tem sobre si a responsabilidade - quase sempre inconsciente - de auscultar especificamente, chegar a constantes gerais, sugerí-las em alto nível - (artisticamente; e isso acontece na maioria das vezes quando - elas são realmente apenas sugeridas), deixar enfim, um material para o que mais interessa ao homem, isto é, ele mesmo. A arte - passa a ser assim o repositário básico da tradição cultural de cada povo, se se aceita que ela seja um reflexo ou transcendência artística das possibilidades vitais. É difícil (3) determinar sua colaboração a curto prazo. Mas, a longo, é inegável ter sido ela até hoje o meio mais válido para a constatação da evolução do comportamento humano, e, por conseguinte, o seu mais - significativo meio de humanização, o que se explica pelo relacionamento singular:



Da simples constatação da divisão geral do conhecimento através das dinâmicas operativas relativas a cada um, podemos concluir que é importante o estudo da literatura. Se ela é conhecimento, pressupõe comunicação, o que nos ocupará em seguida: como se dá a comunicação através da obra de arte literária.

"The problem of convention is the problem of how art can be communicable, for literature is clearly as much a technique of communication as assertive structures are." (FRYB, Morthrop) (4).

"Objetivamente, a arte sempre faz parte da vida social".

"A necessidade de repercussão, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo, é a característica inseparável, traço essencial de toda obra de arte autêntica em todos os tempos. A relação entre a obra e seu público numa sociedade determinada, numa parte historicamente determinada desta sociedade, não é algo que se acresce posteriormente, de maneira mais ou menos accidental, à obra subjetivamente criada e objetivamente existente. Esta relação é a base constitutiva, o fator objetivo da obra, tanto em sua gênese quanto em sua existência estética. Isto é verdade tanto para a arte antiga quanto para a arte moderna." (LUKACS, Georg) (5).

Um campo pode ser determinado esquematicamente pela intersecção de uma linha vertical e outra horizontal que representariam o aspecto genético, histórico, diacrônico ou temporal, e o estrutural, sincrônico ou espacial da dada situação.

Também na obra de arte literária, que representa e é uma situação, pode-se distinguir esses dois aspectos que, contudo, não tem autonomia ôntica; constituem um todo orgânico e só existem em função. Vamos focar a validade de suas funções em separado para facilidade de compreensão.

A literatura seria o "retrato falado" do comportamento humano (diacronia), aspecto sob o qual interessaria para a dinâ

mização de grupos, para comparar valores e escolher a partir de praxis anteriores.*

Sincronicamente, tem valor porque, através de recursos de comunicação próprios da obra de arte, faz que o indivíduo se identifique (jogo) com a situação (interrelação) criada entre seus personagens, e possibilita ao indivíduo uma visão totalizante do complexo expresso, onde cada um tem um papel; isso porque compactua de alguma forma com o que é "vivido" (empatia), possibilitado pelo como (dinâmica estrutural do relacionamento).

Mas, daí, durante e após o jogo (a leitura da obra), - onde também o leitor teve um papel dinâmico, é-lhe possibilitado o afastamento crítico, papel de responsabilidade do qual ele não se isenta, objetivando ou não sua crítica, definindo ou não sua posição. O fato é que ele introjetou novas experiências, - que, perceptivelmente ou não, vão determinar seu tipo de atuação dentro do grupo social do qual faz parte.

Constata-se então que a arte não é uma atividade puramente lúdica. Ao contrário: "grosso modo" ou pedagogicamente, - poder-se-ia dizer que ela conscientiza sob o aspecto diacrônico e responsabiliza pelo sincrônico, colaborando para uma cosmovisão, que pesará na determinação de sua praxis grupal. A leitura implica assim numa tomada de posição. Sempre.

Assim como um grupo específico (mais representativo - por número, coesão, logicização, força) seria o mediador entre o indivíduo (concreto e limitado demais para render mais em menos tempo, a partir de todo o complexo de suas necessidades: dinâmica) e a sociedade (inexistente em termos de rendimento palpável), assim também as obras de arte são mediadoras (têm vida a partir de regras e valores específicos), entre o autor (que só sabe se comunicar daquela maneira especial) e o público leitor, também abstrato assim considerado, mas que ganha vida enquanto grupo, pela vivência de uma mesma experiência, abrangente, jamais bitoladora - a leitura de um mesmo texto - que não - vai enformar indivíduos. Vai, sim, tornar-lhes sensível a problemática vital em eterno conflito (idéias), possibilitando-lhes atuações tanto mais rendosas quanto mais adequadamente forem - distribuídas as doses de espaço e tempo numa dada situação-problema ou microcampo criado (a obra de arte).

Consiste nisso então a dialética da criação artificial que é a literatura, também um laboratório experimental, muitas-vezes sem tal velocidade. Antes de tudo humana, é feita do terçar

armas contraditório entre a teoria e a prática, que lhe dá vida. Sua matéria como seu endereço estão em processo, e bastaria isso para afirmar seu teor comunicativo: trata-se de atividade - que pressupõe uso público e não privado.

A literatura e as outras artes, de maneira mais ou menos direta, ficam assim isentas da pecha de gratuidade, dilettantismo, produção para o prazer de elites - apesar de já o ter sido especificamente, de refinamento dispensável para a evolução humana com base na cooperação. Ela também é uma forma a mais para aquele objetivo, e tem a vantagem de fazer isso sem chatear quem tem outras ocupações e que - é lógico - não se disporia, - por exemplo, a voltar de trabalho exaustivo e se pôr a ler outras áreas específicas e técnicas (ciências humanas para a visão do homem através dos tempos e experimentais para ver quais os resultados adquiridos por ele, suas técnicas, etc...) O que, além de tudo, só lhe forneceria o aspecto histórico dessas preocupações. E, evidentemente, isso não constitui a função e natureza da arte.

Esses tipos de conhecimento são individual ou grupalmente isolados, para permitir uma maior objetividade operativa que será generalizada depois. Enfim, são conhecimentos de análise. E, a arte, tem a vantagem de sintetizar todos os componentes dos inúmeros relacionamentos, num espaço e tempo específicos ou não. Isso se ela for arte autêntica a, isto é, se estiver no nível dos homens e das coisas; jamais abaixo, acima ou onde quer que seja, mas exterior a ele.

Criação é uma forma de ação, logo comunicativa, que leva a outras.

* * * * *

Um exercício em três variações talvez sirva para concretizar melhor o que ficou dito:

"Há um campo entre o EU e o OBJETO.

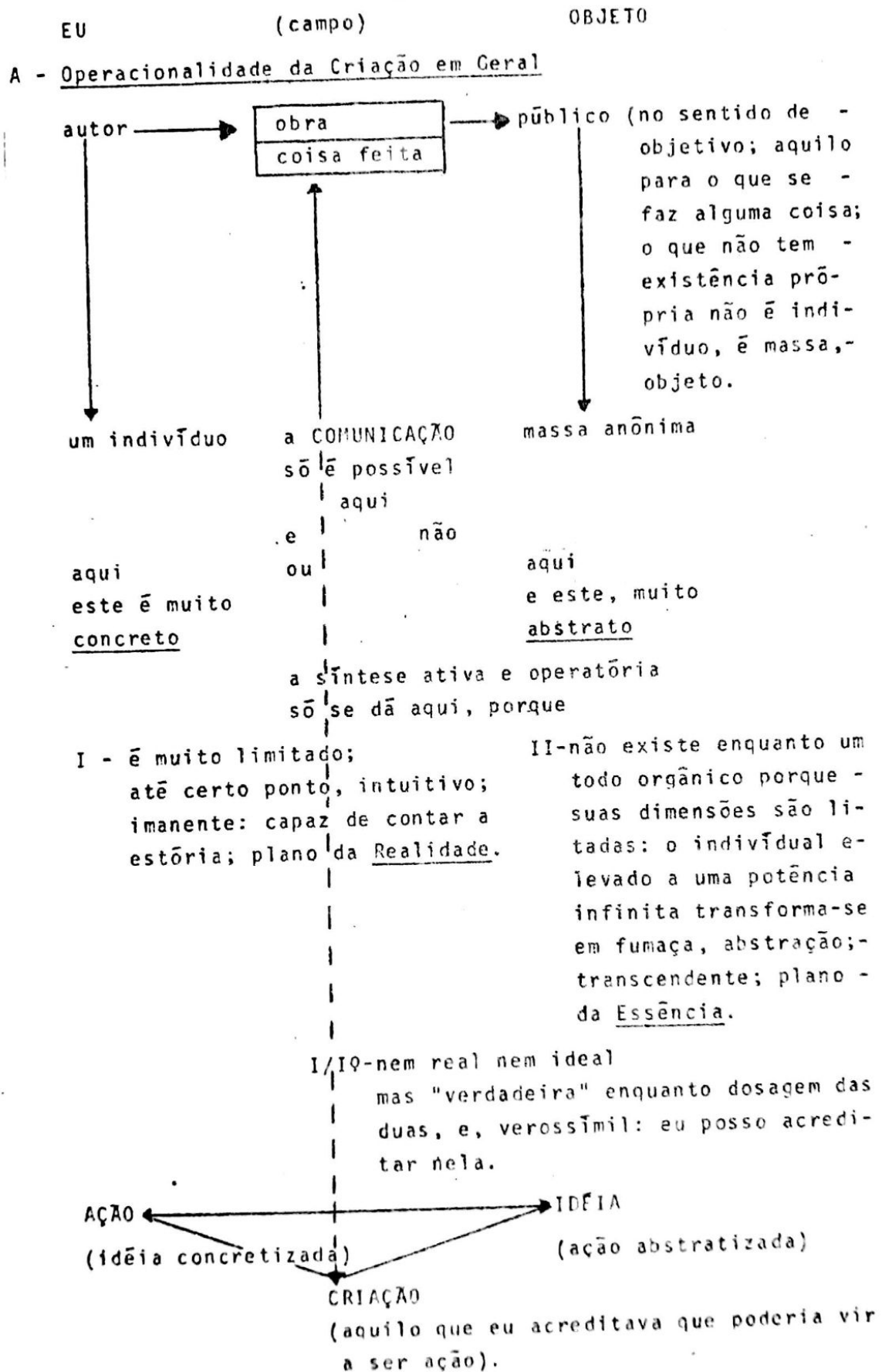
O EU é o "feed-back" do OBJETO.

A conduta é o EU objetivado.

O EU é a conduta subjetivada.

Somos para agir.

Agimos". (6)



B - Operacionalidade da Criação da Obra de Arte em Geral

Autor

Obra de Arte

Público

1. "Há um campo também entre o EU e o OBJETO."

A obra de arte é o ponto de encontro entre o autor e o público.

2. "O EU é o "feed-back" do OBJETO."

O autor é uma espécie de micropúblico.

O autor é um depósito sempre renovado e "limitado" porque em processo, em constantes interações na razão direta de contatos e necessidades; ser em situação: ação.

3. "A conduta é o EU objetivado."

A obra de arte é o autor colocado a serviço do público.

A obra de arte é o autor como colaborador; sai de si em direção ao outro. (comunicação).

4. "O EU é a conduta subjetivada."

O autor é a própria obra dentro dele.

O autor é a própria obra ainda não concretizada.

Então:

5. "Nascemos para agir."

Se o autor havia realmente se adequado à sua situação, ele tinha de criar obras de arte.

Porque:

6. "Agimos".

Se o autor criou obras de arte, agiu.

Ou:

A obra existe realmente porque o autor agiu.

C - Operacionalidade da Criação de uma obra de arte Literária em Particular

Clarice Lispector

"O Mistério do

Coelhinho Pensante"

Certo público leitor (brasileiro, - por hipótese)

1. "O Mistério do Coelhinho Pensante" lida Clarice Lispector a certo público.

2. Porque CL é, de certa forma, um público, ela consegue fazer algo para esse tipo de público.

CL é quem possibilita a existência d'"O Mistério do Coelho Pensante".

3. "O Mistério do Coelho Pensante" é CL enquanto livro.
"O Mistério do Coelho Pensante" é CL sem o corpo dela.

"O Mistério do Coelho Pensante" é CL como objeto.

4. CL é "O Mistério do Coelho Pensante" antes de o público saber que ele existia.

Então:

5. CL fez viver o Coelho Pensante, porque ele já existia
Terminando, duas afirmações de Northrop Frye vêm reforçar nossas argumentações.

"The word form has normally two complementary terms, matter and content, and it perhaps make some distinction - whether we think of forms as a shaping principle or as a containing one. As shaping principle, it may be thought of as narrative, organizing shaping temporally what Milton called, in age of more exact terminology, the "matter" of his song. As containing principle it may be thought of as meaning, holding the poem together in a simultaneous structure" (7).

"Literature is a specialized form of language, as language is of communication." (8).

* * * * *

- (1) Tudo isto foi considerado num plano generalizado, e, até certo ponto, abstrato. Nem se deixou de considerar recentes pesquisas que insistem na desracionalização e razoável "humanização" das ciências no nosso século. (O que não modifica na base, o relacionamento científico). Não desconhecendo as limitações dos esquemas, dele nos utilizamos apenas para isolar didaticamente os processos acima referidos.
- (2) WİBNER, Norbert - Cibernética e Sociedade. "O uso humano - dos seres humanos" - Ed. Cultrix - S.P. - 1968 - 2ª ed. p. 36-trad. de José Paulo Paes - 190 p.
- (3) Mas não impossível. Apenas não nos ocuparemos desse aspecto aqui.

- (4) FRYE, Northrop - Anatomy of Criticism - Princeten Universi
ty Press - NY - 1957 - p. 99.
- (5) LUKÁCS, Georg - "Arte Livre ou Arte Dirigida?" - in Rev. -
Civilização Brasileira - nº 13 - maio/1967
- (6) Raciocínio proposto para análise numa reunião de Dinâmica
de Grupo sob a responsabilidade do prof. Lauro de Oliveira
Lima - maio de 1968.
- (7) FRYE, Northrop - op. cit. - p. 83.
- (8) FRYE, Northrop - op. cit. - p. 74.

=====